

À FLOR DA PELE: UMA ANÁLISE PSICANALÍTICA SOBRE A TATUAGEM

Izabele ZASSO¹
Adrielly SCALVI²
Marina PEPICE³
izabele@fag.edu.br

RESUMO

A tatuagem pode ser considerada uma marca corporal, podendo expressar algo sobre o corpo do sujeito. A linguagem, material de trabalho da psicanálise, é permeada por um universo guiado por símbolos, significados e, sobretudo, significantes. A partir disso, levantou-se como formulação do problema compreender as significações dadas às tatuagens e o desejo para a realização dessa marca, bem como o significado disso para o sujeito. Ao abordar a respectiva temática oportunizou-se um espaço de fala e quebra de possíveis estigmas que ainda perpassam o ato de tatuar-se. Tendo a psicanálise como suporte teórico, o objetivo do presente artigo centra-se em analisar as possíveis significações atribuídas pelos sujeitos sobre suas próprias tatuagens. Para tal, foi realizada uma entrevista semiestruturada, com duas pessoas maiores de 18 anos, que possuem tatuagens, e os dados foram analisados por meio da Análise de Discurso. Ambas entrevistadas foram selecionadas pelo método de acessibilidade e conveniência. Os resultados obtidos na pesquisa não são definitivos ou exatos, pois existe a singularidade do discurso. Partindo do entendimento de que cada discurso é singular, a presente pesquisa possibilitou a ampliação da compreensão da significação acerca das tatuagens. Assim, o que pode ser dito é que a tatuagem tem várias formas de utilização e significados, ou até mesmo a não atribuição de significado. Diante disso, a pesquisa mostra que isso ocorre pelo fato de cada sujeito se constituir de um modo, de acordo com suas vivências, experiências, identificações e sua forma de se ver no mundo.

Palavras-chave: Tatuagens; Marcas Corporais; Psicanálise; Significações.

Psicóloga graduada pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões; Mestre em Direitos Humanos pela Universidade do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. E-mail: izabele@fag.edu.br¹
Graduanda do 10º período do Curso de Psicologia do Centro Universitário Assis Gurgacz - Cascavel, PR. E-mail: adriellyscalvi123@gmail.com²
Graduanda do 10º período do Curso de Psicologia do Centro Universitário Assis Gurgacz - Cascavel, PR. E-mail: marinapepice99@gmail.com³

UNDER THE SKIN. A PSYCHOANALYTIC ANALYSIS ABOUT TATTOOING

Izabele ZASSO¹
Adrielly SCALVI²
Marina PEPICE³
izabele@fag.edu.br

ABSTRACT

A tattoo can be considered a body mark, which can express something about the subject's body. Language, the psychoanalysis object is permeated by a universe guided by symbols, meanings and, above all, signifiers. From this, it was raised as a problem formulation to understand the meanings given to the tattoos and the desire of making this mark, as well as the meaning of this for the subject. By approaching the respective theme, a space for talking and a possible stigmas breaking, that still permeate the act of getting tattooed, was provided. Having the Psychoanalysis as a theoretical support, the aim of this article is to analyse the possible meaning attributed by the individuals to their own tattoos. To this end, a semi-structured interview was carried out, with two individuals over 18 years old, who have tattoos, and the data were analysed using Discourse Analysis. Both interviewees were selected by the convenience and accessibility method. The results obtained with the research are not definitive or exact, because there is the uniqueness of the speech. Based on the understanding that each speech is unique, the present research made it possible to expand the understanding of the tattoos meaning. Thus, what can be said is that tattoos have various forms of using and meaning, or even no meaning attribution. Therefore, the research shows that this occurs because each subject is constituted in a way, according to their perceptions, experiences, identifications, and the way of seeing themselves in the world.

Key words: Tattoos, Body marks; Psychoanalysis; Meanings.

Psicóloga graduada pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões; Mestre em Direitos Humanos pela Universidade do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. E-mail: izabele@fag.edu.br¹
Graduanda do 10º período do Curso de Psicologia do Centro Universitário Assis Gurgacz - Cascavel, PR. E-mail: adriellyscalvi123@gmail.com²
Graduanda do 10º período do Curso de Psicologia do Centro Universitário Assis Gurgacz - Cascavel, PR. E-mail: marinapepice99@gmail.com³

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo é resultado de uma pesquisa sobre a tatuagem e a psicanálise, a qual teve como objetivo analisar o discurso de dois sujeitos tatuados, a fim de compreender as significações atribuídas por eles às suas próprias tatuagens. Para explicar essa temática é possível utilizar os autores Diana Corso e Mário Corso (2014), que consideram a tatuagem como uma vestimenta definitiva, um traço que visa introduzir adornos ou marcas que passem a fazer parte do corpo da mesma forma que os *piercings*, escarificações e outras modificações corporais. Soma-se a isso o fato da tatuagem ser um processo geralmente doloroso e que fica de forma permanente sob a pele (VASCONCELOS, 2018).

Ademais, de acordo com estudo realizado por Naudé *et al.*, (2017), onde verificou-se as percepções de um grupo de 175 estudantes em relação às tatuagens, o motivo proeminente de se fazer tatuagem, de acordo com 25,1% dos participantes, se relaciona a um significado pessoal e simbólico, como lembrar um importante momento. Já 12% consideram suas tatuagens como expressão de um senso de identidade. Além disso, é notável uma popularização das tatuagens, pois, em 2018, o Instituto Alemão Dalia realizou uma pesquisa com 9 mil internautas de 18 nacionalidades, constatando que o Brasil ocupa o oitavo lugar no *ranking* mundial de países onde mais as pessoas se tatuam (DALIA, 2018).

Levando em consideração as informações e com a finalidade de contribuir com a ciência, entende-se a importância de explorar e aprofundar-se mais a respeito do assunto. Pois ao entender a gênese da história e as significações atribuídas pelo sujeito a suas tatuagens, pode-se compreender como o mesmo percebe suas modificações corporais e o que isso expressa e impacta sobre ele.

Diante disso, levanta-se o problema da pesquisa, sendo: quais são as possíveis significações que os sujeitos atribuem às suas próprias tatuagens? Para responder essa questão, utilizou-se como objetivo geral analisar as possíveis significações atribuídas pelos sujeitos sobre suas próprias tatuagens, tendo a psicanálise como suporte teórico.

Nesse sentido, para analisar os discursos dos participantes da pesquisa, tivemos quatro objetivos específicos, sendo eles: compreender a relação que o sujeito em questão tem com o próprio corpo/pele; entender se a tatuagem é utilizada como destino sublimatório; compreender o processo de simbolização da marca corporal; e, por fim, analisar a erótica relacionada ao prazer/dor ao ser tatuado.

Diante da problemática, que movimenta o estudo, é importante destacar que as marcas voluntariamente impressas no corpo, como as tatuagens, são tomadas na pesquisa como forma de linguagem, expressão do sujeito e busca da identidade. Nesse sentido, interessa à psicanálise o entendimento de como determinadas inscrições de borda, como na pele, inserem-se simbolicamente na constituição do sujeito. E, para iniciar essa discussão a respeito do que o sujeito comunica com a tatuagem, torna-se necessário compreender a origem da tatuagem e como ela surgiu dentro da sociedade.

A tatuagem, historicamente, tem origem independente, pois foi utilizada várias vezes em diferentes momentos e continentes, com variações de propósitos, técnicas e resultados. No Brasil, as tatuagens estão presentes desde o descobrimento do país, fato observado pela prática de escarificações realizadas pelos indígenas. Em 1500, nos registros dos escritos de Pedro Vaz de Caminha, existem relatos de índios com tinturas pretas pelo corpo, com desenhos quadriculados e redondos, mulheres e homens com os corpos tatuados. Tendo em vista a época e a rudimentaridade da tatuagem, os indígenas utilizavam instrumentos de origem animal, mineral e vegetal para realizar as marcas, sendo que seus desenhos eram quase sempre geométricos, em forma de linhas, manchas ou tramas. No entanto, a tatuagem irrompe os limites do território indígena e torna-se reconhecida fora das aldeias e de maneira elitizada, através dos portos, especificamente em 1959, com a chegada do dinamarquês conhecido como Lucky, o primeiro tatuador profissional a trabalhar no Brasil (MARQUES, 1997). E com o passar dos anos ocorreu a popularização da tatuagem, seja através da música, de artistas ou até mesmo pelos novos estilos de tatuagem que surgiram. Essa arte começou a se espalhar por todo o Brasil (GHIZONI, 2016).

Essa popularização, segundo Pires (2003), pode estar associada, atualmente, ao fato de pertencermos a uma sociedade globalizada, na qual as próprias características sociais e individuais se tornaram cada vez mais descartáveis e mutáveis. Assim, o indivíduo tem a opção de construir o seu corpo conforme o seu desejo. Diante disso, o sujeito busca ser desejado na diferenciação com aqueles que são neutralizados por padrões estéticos homogeneizantes. As mudanças são feitas no corpo físico, aquele com o qual nós estabelecemos as relações externas e através do qual, mesmo que inconscientemente, se manifesta tudo o que é interno a nós. Diante disso, as tatuagens e as marcas voluntárias feitas no corpo muitas vezes são vistas como alterações corporais, requisitos estéticos necessários para se inserir em um determinado contexto (PIRES, 2003).

Para explanar sobre a relação entre o sujeito e corpo/pele, o autor Anzieu (1989) retrata a tatuagem como uma inscrição feita na pele, a borda do corpo, um lugar e um meio

primário de comunicação com os outros; com ela se estabelecem relações significantes e é considerada uma superfície de inscrição de traços deixados por tais relações, tendo também como função uma barreira que demarca o limite com o exterior.

Ademais, sobre o corpo, é necessário trazer à tona os apontamentos de Lacan, o qual aborda que no “estádio do espelho” a vista da forma total do corpo humano fornece ao sujeito um domínio imaginário do seu corpo, pois, pela primeira vez, o homem passa pela experiência de se ver, refletido no espelho, e assim se concebe como outro que não ele mesmo. É nesse momento que a imagem do corpo dá ao sujeito a primeira forma que lhe permite situar o que é ou não do eu (LACAN, 1953-1954/1986). Além disso, segundo Machado (2010), só quando o ser falante percebe que “tem um corpo”, é possível usufruir dele, seja por meio da adoração ou da dor.

Assim, para fundamentar a análise referente à erótica relacionada ao prazer/dor no ato de realizar uma tatuagem, Moreira *et al.*, (2010), relatam a importância da dor ao fazer as modificações corporais, pois ela salienta o masoquismo como um constituinte de um novo desenho corporal, uma nova pele, ou segunda pele.

A dor e a humilhação são sinônimos de prazer para o masoquista, assim, ao fazer uma tatuagem, o sujeito irá sentir dor, que será infligida por outra pessoa. A inconsciência do masoquismo fala sobre o sentimento de culpa por ter infringido algo e como ele deve ser punido em decorrência disso, portanto, o que importa para o masoquista não é quem irá castigá-lo, mas sim, sentir dor e ser castigado. Esse mecanismo de prazer e dor é formado pela pulsão, que em seu termo original é conhecida como *Trieb*, o qual foi traduzido como pulsão em português (considerada também a tradução “instintos”) (FREUD, 1924/2019).

Em relação às pulsões é fundamental explicar a respeito dos seus destinos, sendo que uma delas é a sublimação. Freud (1901/2010) apresenta a sublimação como um dos destinos das pulsões, sendo que, ao buscar entender se a tatuagem é utilizada como destino sublimatório, é necessário compreender que sublimação se relaciona com componentes para realizações culturais. Na sublimação as pulsões provenientes das excitações sexuais têm sua meta alterada, seu teor sexual se mantém, porém, a sua finalidade é destinada ao social. Portanto, o sujeito utiliza essa pulsão com outro objetivo, seja ela artística, científica, ou voltada para o esporte, por exemplo.

Além disso, Ribeiro (2010) coloca a tatuagem como função da inscrição da linguagem no corpo, este que está em contínuo ajuste de sua imagem, sobretudo quando falta palavra (no seu sentido significante) que defenda contra uma intensa demanda do Outro. Assim, a necessidade de inscrever um limite no real do corpo, remete à ausência de limite simbólico.

Portanto, ao compreender o processo de simbolização de uma tatuagem, é necessário se embasar na hipótese de que o ato de tatuar-se estaria relacionado com o desejo inconsciente de fazer inscrição de um contorno mais real, uma marca que dê conta de estabilizar uma imagem flutuante de si, funcionando como ancoragem simbólica (SAPOZNIK, [201?]).

Assim, como ser de linguagem, o sujeito se constitui no domínio do verbal, a palavra é via de acesso ao inconsciente, sendo este não uma conquista do desenvolvimento cognitivo ou simbólico, mas sim, de uma condição inerente ao falante. Mesmo que alguém não faça uso da função da fala, ainda assim estará no campo da linguagem, e se utiliza disso para se comunicar de alguma forma (ELIA, 2010).

2 MÉTODOS

A metodologia designada para o presente trabalho, sob o ponto de vista de sua natureza, se caracterizou como básica, isto é, teve a intenção de gerar novos conhecimentos, sem ter aplicação prática antecipada (PRODANOV e FREITAS, 2013). Em relação à abordagem do problema, a pesquisa é qualitativa, visto que se considerou que a subjetividade da pessoa é intraduzível em número (KAUARK, 2010). Quanto aos objetivos, este estudo é de caráter exploratório, pois visa apresentar mais informações sobre o assunto investigado. Para esse fim, foram utilizadas entrevistas com indivíduos que tiveram experiências práticas com o problema da pesquisa (PRODANOV e FREITAS, 2013). Para o delineamento da pesquisa, o procedimento técnico utilizado foi pesquisa de campo, pois essa modalidade focaliza em um único grupo, o que acaba proporcionando uma ênfase maior acerca do problema de pesquisa (GIL, 2002). Por fim, a análise de dados foi feita através da Análise de Discurso.

O público selecionado para a pesquisa foram dois sujeitos com no mínimo três tatuagens feitas nos últimos dois anos; residentes em Cascavel/PR; com idade superior ou igual a 18 anos, sendo, necessariamente, de nacionalidade brasileira. Ademais, a seleção dos participantes foi feita por acessibilidade e conveniência, através da indicação de um tatuador local, que sugeriu participantes convenientes aos critérios da pesquisa. Importante ressaltar que o número reduzido de participantes se deu ao fato do uso da Análise do Discurso.

Diante disso, o procedimento para a realização da pesquisa foi a aprovação da mesma pela banca examinadora e pela Plataforma Brasil, para então dar-se início ao processo de recrutamento dos participantes, sendo efetuado o agendamento de uma data, horário e formato da entrevista — presencial ou on-line, de acordo com a escolha de cada participante.

Para a autorização da coleta de dados foi utilizado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), contendo informações referentes à participação da pesquisa. Em relação aos instrumentos para a coleta de dados, foi utilizado um roteiro de entrevista semiestruturada criada pelas pesquisadoras, com dezenove perguntas que buscaram compreender as significações atribuídas pelo sujeito às suas próprias tatuagens. A entrevista foi gravada somente após a autorização dos participantes, para, assim, ser transcrita com o objetivo de facilitar a análise de dados. Algumas das perguntas realizadas foram: Por que você se tatua? Elas (as tatuagens) possuem algum significado/simbolismo? Se sim, qual? O que você busca expressar por meio das suas tatuagens? Como é a sua relação com o seu corpo e suas marcas? O que você sente no momento da realização de uma tatuagem?

Os participantes optaram pelo modelo on-line. Diante disso, o recurso utilizado para a execução foi a plataforma *Google Meet*. Tendo em vista que o link foi disponibilizado anteriormente, a entrevista ocorreu na data e horário previamente agendados. Somente após a leitura e assinatura do TCLE a entrevista foi iniciada.

Os dados fornecidos pelos sujeitos entrevistados foram analisados pela Análise de Discurso (AD), uma vez que a interpretação e a relação de cada sujeito frente às suas tatuagens se configuram por meio da subjetividade de cada um. Além disso, segundo Orlandi (2005), essa análise leva em consideração o inconsciente, a constituição do sujeito na história e no simbólico e não apenas a transmissão de informações, mas o sentido por meio da linguagem. Diante disso, a AD trabalha com o sentido, pois o discurso é variado e marcado pela história e ideologia, assim, ao analisar esse discurso não se teve a pretensão de analisar o que é certo, pois isso não está em julgamento (CAREGNATO e MUTTI, 2006).

3 ANÁLISE E DISCUSSÃO

Para realizar a análise dos dados foi utilizada a Análise de Discurso, sendo que para a coleta de dados foi aplicada uma entrevista semi estruturada, com o recurso de gravação de áudio para facilitar a posterior transcrição e análise. A primeira entrevista teve duração de 36 minutos e 12 segundos, enquanto a segunda teve duração de 37 minutos e 32 segundos.

Esse estudo não pretende analisar todo o discurso do sujeito, pois isso não seria possível. Sendo assim, é válido ressaltar que os trechos apresentados são recortes das entrevistas, trazidos com a finalidade de tentar construir associações dos objetivos deste trabalho. A fim de não identificar os participantes da pesquisa, foram utilizados nomes fictícios, sendo as entrevistadas nomeadas Flora e Iara.

A primeira entrevistada, Flora, apresentou disponibilidade de fala e boa desenvoltura na linguagem. Porém, ao ser questionada sobre o significado atribuído por ela a suas marcas corporais, a mesma falou pouco, sendo necessário instigá-la a discorrer mais a respeito. Diante disso, nem todos os objetivos específicos foram encontrados a partir do seu discurso. A segunda entrevistada, Iara, também apresentou disponibilidade de fala, assim como, uma boa desenvoltura de linguagem, acompanhada de longas reflexões sobre as suas marcas. Portanto, Iara relatou mais elementos sobre as significações de suas tatuagens, sendo possível, a partir de seu discurso, analisar mais sobre os objetivos da presente pesquisa.

3.1 ANÁLISE DE FLORA: SOBRE FLORESCER

O nome “Flora” foi escolhido devido ao interesse da entrevistada em tatuar flores, mais especificamente, rosas. Para os romanos, Flora é a deusa da primavera e das flores. Além disso, as flores, principalmente as rosas, representam o feminino e a beleza (DANTAS, [s.d.]), conteúdo que está presente no discurso da entrevistada.

Ao analisar o discurso de Flora, foi possível observar diversas falas sobre a relação de suas tatuagens e sua autoestima, que vão ao encontro do objetivo acerca da relação que o sujeito estabelece com o seu próprio corpo/pele. Ao ser questionada sobre o motivo de realizar tatuagens, Flora diz: *“Porque eu adoro me tatuar, pra mim é uma autoestima, me sinto mais bonita tatuada, me sinto mais mulher assim, me sinto mais confiante, eu gosto bastante”*. Ao falar sobre autoestima, o sujeito refere-se a sua própria estima, algo que ele designa a si mesmo. Freud (1914/1996) diz que a autoestima expressa o tamanho do ego, deixando de lado o que irá determinar esse tamanho, mas evidencia que tudo que o sujeito realiza ou possui irá determinar a sua autoestima. Além disso, “todo remanescente do sentimento primitivo de onipotência que sua experiência tenha confirmado, ajuda-a a aumentar sua auto-estima” (FREUD, 1914/1996, p. 61).

Em outro momento, Flora fala: *“Busco expressar liberdade, buscar que através delas, que talvez através delas, eu mostre minha personalidade, uma personalidade minha, expressão, liberdade, autoestima, coisa que me faz assim, me sentir bonita com tatuagem, acho que é por aí”*. Nesse fragmento do discurso, além da questão da autoestima, também é possível analisar a importância dada à liberdade e à expressão da personalidade. No entanto, o sujeito almeja a liberdade, pois não se sente livre e isso advém da relação do Eu com o Outro, a qual está articulada desde nossa formação como sujeito. Para exemplificar isso, Elia (2010) diz que a psicanálise considera a dimensão social como essencial para a constituição do

sujeito do inconsciente, pois muito antes do nascimento existe um conjunto de demandas e desejos que é dirigido àquele que vai nascer. Antes do ser humano surgir no mundo com a possibilidade de se tornar um sujeito, o campo em que ele aparecerá já se encontra estruturado e ordenado.

Diante dessa relação, ocorre a alienação e o assujeitamento ao outro, nos fazendo ser escravos de nós mesmos, tendo nossas escolhas e opiniões aprisionadas, ou seja, a questão da liberdade perpassa pela aceitação de quem se é nessa dicotomia (CHECOLI, 2020). Perante o exposto, torna-se necessário discorrer sobre como o corpo cresce em uma tensão ambivalente, entre se constituir apoiado num olhar de fora e na necessidade da demarcação pessoal. Durante o momento de demarcação pessoal, a tatuagem pode ser uma tentativa de produzir uma assinatura, assim, o corpo parece ser palco da construção de identidade, ao qual serão agregadas modificações necessárias para formar a identidade que se deseja ter, ou consegue ter. Logo, cada vez mais esses adornos serão pensados como constitutivos, formadores da personalidade (CORSO e CORSO, 2014).

A partir dessas colocações, pode-se sugerir que Flora utiliza a tatuagem como uma demarcação pessoal para tentar expressar sua personalidade, por meio dessa sensação de liberdade que se tem ao usufruir do próprio corpo da forma que deseja. O sujeito encontra outras formas de se expressar quando existe a ausência da palavra, a fim de afirmar sua existência para si mesmo e para os outros (MACEDO *et al.*, 2014).

Nesse caminho, para afirmar sua existência e encontrar sua identidade, Flora relata que devido às tatuagens sente-se mais confiante: *“É, acho que é algo que me traz mais confiança do que antes [...] quando eu era mais novinha eu não me achava né, me achava o patinho feio, digamos assim, a sem graça e ta ta tal. Depois da faculdade que isso começou a mudar e comecei a mudar isso daí”*. Diante disso, é possível associar o Ideal do Eu, que dirige o amor a si mesmo, o amor que o Eu real desfrutou na infância. Como é incapaz de renunciar à satisfação que obteve, não quer se privar da perfeição narcísica. Diante disso, procura readquiri-la na forma de um ideal do Eu. Assim, o que ele projeta diante de si como seu ideal, na verdade, é um substituto do seu próprio narcisismo perdido na infância (FREUD, 1914/2010).

Tendo em vista que a autoestima está relacionada com o narcisismo, Flora explica o motivo que atribui à melhora de sua autoestima as tatuagens: *“É, acho que é algo que me traz mais confiança do que antes, deixa eu ver; acho que de uns talvez 5 ou 6 anos pra cá que eu realmente comecei a me sentir bonita e tal, antes eu não achava tanto, daí que eu comecei a me olhar de uma outra forma [...]”*. Porém, mesmo sentindo-se mais confiante e bonita,

relatou que foi necessário esconder suas tatuagens devido ao preconceito: “*No meu antigo trabalho eu não podia mostrar muito, né, eu tinha que usar camisa mais fechada assim, durante um tempinho, depois que eu comecei a conquistar e dobrar um pouquinho, mas assim, geralmente a gente percebe olhares [...]*” e complementa: “*[...] os clientes chegavam a primeira coisa que eles olhavam eram as tatuagens, meio que de cima embaixo [...]*”. Ao analisar esse trecho percebemos que existe uma dualidade, pois ao mesmo tempo que Flora se sente mais confiante ao olhar para si e suas tatuagens, também precisa escondê-las, e quando não faz isso recebe olhares “de cima embaixo”. Diante disso, é possível associar que Flora coloca a pulsão com retorno em direção a si própria. Freud (1915/2019) nos diz que “o masoquismo é, na realidade, o sadismo que retorna em direção ao próprio ego do indivíduo, e de que o exibicionismo abrange o olhar sobre o próprio corpo” (p.132).

Corroborando com isso, ao notar as expressões “ver, me olhar, mostrar, olhares, olhavam”, fica evidente que o voyeurismo e exibicionismo (relativo ao olhar) têm destaque. Além disso, em outro momento do discurso, Flora diz: “*Aqui tem essa abelha. E aqui do lado tem essa mariposa com os olhinhos ali*”, mostrando que os olhos e olhares aparecem em muitos momentos. Assim, leva-se em consideração que na pulsão com retorno em direção à própria pessoa ocorre a troca de objeto com a inalterabilidade da meta pulsional, como a transformação do voyeurismo, que tem como meta o olhar, enquanto o exibicionismo tem como meta em mostrar-se. Porém, essa troca passa por algumas fases, pois o voyeurismo tem como meta o olhar dirigido a um objeto, no entanto, ocorre o abandono deste objeto e, posteriormente, o direcionamento da pulsão escopofílico/escópica para uma parte do próprio corpo e, com isso, o estabelecimento de uma nova meta: ser olhada. Diante disso é introduzido um novo sujeito, com o intuito de se exibir e ser olhado por ele (FREUD, 1915/2019).

No entanto, num momento posterior ao ser questionada sobre como é a relação dela com o próprio corpo e suas marcas, Flora responde: “*Não tenho nenhuma marca física no corpo, e de corpo tá ok*”; a seguir, ao perguntarmos como ela se via sendo tatuada, a mesma responde: “*[...] eu não me acho tatuada [...]*”, podendo ser associada uma negação em relação a essas marcas e a ter o corpo tatuado, pois segundo Freud (1925/2019) na interpretação se tem a liberdade de ignorar a negação e extrair o conteúdo puro da ideia que ocorreu. Ademais, a função intelectual do juízo é afirmar ou negar conteúdos de pensamentos, então, quando algo é negado, significa que a pessoa preferiria recalcar aquilo. Em decorrência disso, pela via da negação, um pensamento recalçado pode abrir caminho até a consciência, pois a negação é um meio de ter conhecimento do recalçado. No entanto, não ocorre a

admissão do recalcado, pois o conteúdo da representação não chega à consciência (FREUD, 1925/2019). Diante disso, levanta-se a hipótese que falta um saber próprio sobre si, sobre suas marcas e seu corpo, tanto é que Flora não constrói um saber sobre os sentidos e significados acerca das suas tatuagens, pois é atribuído a um sentido universal, não particular.

Já em relação ao objetivo específico, a sublimação, pela qual buscamos entender se a tatuagem é utilizada como destino sublimatório, é possível analisar as seguintes falas: “[...] *sou fotógrafa [...]*”, e mais adiante relata: “[...] *quando eu saí do meu emprego fixo pra eu me dedicar só à fotografia [...]*”, ou seja, Flora escolheu uma profissão vinculada com a dimensão da imagem. Segundo Jorge (2008), o ser humano atribui muita importância ao olhar, devido à pulsão escópica, que tem sua meta alterada de função sexual para o olhar. Sobre isso, Lacan (1961/2003) postula que o significante se constitui através da identificação com o Outro, sendo a partir da diferença entre ambos que o sujeito se torna um ser único. Esse processo é decorrente da linguagem, que propõe um enlaçamento com o real, pois a linguagem é uma ordem, um registro da problemática que perpassa o sujeito, fazendo com que o mesmo seja caracterizado por seus próprios valores estruturais (LACAN, 1961/2003). Diante disso, é possível analisar e levantar como hipótese que Flora captura o outro pelo olhar, através da fotografia e é capturada pelo olhar do outro, ocorrendo então um reconhecimento sobre si, sobre seu corpo e suas marcas.

Além disso, no fragmento apresentado anteriormente, é possível perceber que Flora deixou seu antigo trabalho para se dedicar àquilo que gosta, a fotografia, um trabalho escolhido livremente, por vontade própria, assim como a escolha de suas tatuagens. Freud (1930/2020) aborda o trabalho como sendo aquilo que insere o sujeito, com segurança, em um aspecto da realidade e possibilita deslocar uma porção volumosa de componentes libidinais proporcionando uma satisfação especial quando é escolhido livremente, por meio da sublimação.

O próximo objetivo específico explanado é a respeito do processo de simbolização das tatuagens. Em relação a isso, a feminilidade foi uma questão presente no discurso de Flora, pois ao simbolizar as suas marcas corporais, ela as atribui à sua feminilidade, relatando: “*E aqui em cima tenho esse símbolo que se chama triskle, é um símbolo celta e que mais tarde descobri que ele significa o sagrado feminino*”; ademais, ao falar sobre outra tatuagem, relata: “*E mais tarde, uns anos depois, eu descobri que ela também significava o sagrado feminino, feminilidade, enfim*”.

Costa (2003, p. 39) pontua, em sua obra *Tatuagem e Marcas Corporais*, que “O sagrado é aquilo que não pode ser tocado”. O sagrado tem relação com o toque, podendo ser

visto socialmente de maneira positiva ou negativa, pois, quando ocorre esse “toque”, é necessário se defender da contaminação. Diante disso, entende-se por sagrado aquilo que não deveria ser tocado, pois é algo que transmite pureza, que não deve ser contaminado. Mas, existe também a ambivalência ao impuro e contágio, ocorrendo então um limite, uma borda, entre o “civilizado”.

Ainda sobre a feminilidade e as suas tatuagens, ao ser perguntada do porquê gosta de tatuar flores, Flora responde: *“Não sei, eu gosto de tatuar floral, eu acho que dá uma feminilidade maior assim sabe, eu gosto bastante, não sei te explicar o porquê exatamente de floral, mas as minhas últimas todas têm florais, todas todas [...] E as próximas provavelmente terão floral também”*.

Relacionando a isso, historicamente, a vagina é relacionada a flores, sendo usadas palavras como “botão de rosa” e “florzinha” como significantes para o órgão sexual feminino. Assim como existem ditos populares, como “desabrochar”, referindo-se à primeira menstruação da menina, ou “desflorar”, que pode significar o primeiro ato sexual da mulher. Além do mais, culturalmente também existe essa relação, por exemplo: a palavra lótus em sânscrito - língua e dialeto indo-árícos antigos, do Norte da Índia - é *padma*, sendo que *padma* era uma palavra utilizada secretamente para dizer *yoni* - que significa útero. Ademais, os jardins islâmicos eram locais sagrados usados para oração, meditação e sexo, e em decorrência disso, o manual árabe das posições sexuais se chamava Jardim Perfumado (CHITAS, 2019).

Outro fator importante sobre a feminilidade decorre da castração feminina, pois, segundo Freud (1933/2019), a inveja do pênis valoriza a vaidade física da mulher, a fim de compensar a inferioridade por não possuir o órgão sexual masculino. Diante do fragmento do discurso de Flora e posterior análise, é possível levantar como hipótese que a mesma relaciona as flores à sua feminilidade, tendo sua simbolização voltada à representação do seu órgão sexual feminino, portanto, ao tatuar as flores, ela está representando a sua feminilidade, aumentando a sua autoestima e tornando-se *“mais mulher”*, conforme a fala apresentada anteriormente. É através das flores, por meio do ato de tatuar a flor na pele, que Flora marca em seu corpo a mais verdadeira marca da feminilidade: a vagina. Suas tatuagens, que são florais, podem simbolizar mais do que a flor e a feminilidade, pois são as flores em sua pele, ou seja, a vagina representada como uma marca.

Outro elemento presente no discurso de Flora foi a respeito do tarô, algo que a entrevistada se interessa em sua vida pessoal e representa em sua pele através das tatuagens: *“Tenho esse tarô aqui no braço, que também tem umas florais e uma mão segurando o*

tarôzinho do sol [...]”. Acrescentando a isso, Flora relata sobre o seu interesse pessoal: “Ah então como falei gosto muito de tarô né, gosto muito, tenho estudado um pouquinho, gosto dessa coisa cigana, não sei porque, mas eu gosto bastante”.

Além disso, quando é questionada sobre o significado das suas tatuagens, a mesma relata: *“Assim, na verdade, elas não têm assim um significado, vou fazer por causa disso assim, vi, gostei e vou fazendo. A não ser que seja algo inconsciente, daí é outra coisa” e “Às vezes as pessoas perguntam “qual é o significado?” não tem. Todo mundo acha que precisa ter um significado, mas não necessariamente”.*

Diante disso, sugere-se que Flora atribui importância às questões voltadas ao tarô, ou “coisa cigana”, conforme a mesma relata. Nesse sentido, se faz necessário falar sobre o místico e o que atravessa a relação do sujeito com o misticismo. Para tanto, torna-se fundamental explanar a respeito do conceito de gozo místico, que pode ser entendido como “um gozo que esteja mais além” (LACAN, 1973/1985, p. 102), portanto, é algo advindo do campo do mistério, que não tem um significante, algo que não é possível ser representado. A partir disso, é possível levantar como hipótese que parte do gozo de Flora esteja vinculado ao gozo místico, pois, na falta de representação, ela utiliza o místico, buscando dar sentido aos seus traços por meio de algo que também está ligado ao campo do desconhecido.

3.2 ANÁLISE DE IARA: SOBRE EN(CANTOS)

Iara é o nome atribuído a sereia do folclore brasileiro e significa “aquela que vive nas águas” (MENDONÇA, 2019). Assim, esse nome foi escolhido devido a uma tatuagem de sereia que a participante possui. Nesse contexto, para introduzir o discurso de Iara, é necessário partir da análise da relação do sujeito com seu próprio corpo/pele e ressaltar a seguinte frase presente no discurso: *“[...] as primeiras, por exemplo, essa sereia aqui do braço, foi a primeira bem grande que eu fiz, nossa, tava me sentindo uma deusa [...]”.* Analisando esse fragmento, é necessário trazer à discussão a lenda das sereias, as quais são mulheres que encantam os homens e os conduzem à morte através da sua voz e da sua beleza, conforme escreveu Maria Martins (1943), no poema Iara:

Iara
Iara está apaixonada pelo amor.
Ela é a sereia do Amazonas.
Não importa o quão distante o amor esteja, Iara canta o seu canto de sedução [...] o amante ouve a canção e escuta Iara.
Ai dele se a escuta duas vezes! Ele é conduzido, então, a buscá-la.

[...] Iara oferece-lhe uma flor e o beijo da morte. Ele desaparece com ela no riacho (MARTINS, 1943, tradução nossa¹).

Ao analisar o mito da sereia, é possível entrelaçar-lo com o conceito psicanalítico de pulsão invocante. A pulsão invocante é compreendida a partir do circuito pulsional do “chamar” do Outro. Mas para tanto, o Outro precisa ter respondido o grito do sujeito, assim, o sujeito poderá invocar algo do Outro através de sua voz. Nesse sentido, as sereias, com suas vozes sedutoras e cativantes, conduzem os homens ao estado de gozo, inerente a qualquer impedimento do Supereu, pois estariam seguindo o seu desejo (VIES, 2009). Sobre isso, Lacan (1966) explana que a voz que vem do Outro é a manifestação do desejo do Outro e do sujeito, pois esse desejo é manifesto através da voz. Portanto, a voz pode ser entendida como um instrumento que manifesta o desejo do Outro, tendo então dois sentidos: a invocação ao e do Outro.

Diante disso, pode-se levantar como hipótese que Iara procura invocar o Outro por meio de sua tatuagem, sendo interessante o fato que a sereia foi o desenho escolhido para a sua primeira tatuagem grande, conforme a mesma relata. A sereia, através de sua voz, invoca o Outro, assim, Iara, através de suas marcas corporais, inclusive a sua tatuagem de sereia, também invoca esse Outro.

Além disso, quando questionada sobre a relação com seu corpo, Iara relata: “[...] *nossa, tava me sentindo uma deusa, eu passava no espelho de cinco em cinco minutos, só pra ver, daí eu tava me sentindo muito melhor muito melhor, me faz um bem enorme assim, pra autoestima sabe*”. Essa fala de Iara corrobora com os dados de um estudo antropológico, o qual verificou que a tatuagem pode ser utilizada como investimento na aparência, com o desejo de se sentir bem consigo mesmo, remetendo ao bem-estar próprio. Nesse viés, o corpo é utilizado como instrumento de sedução, sendo pensado até em qual estilo de roupa usar para deixar a tatuagem à mostra. Além disso, pode ser usado para demonstrar a autonomia na utilização do corpo, de acordo com a vontade individual (LEITÃO, 2004).

Contribuindo com isso, Iara relata o desejo de se tatuar e como via o corpo antes de ter as suas marcas, explanando ainda mais a relação com o próprio corpo: “[...] *eu tinha na minha cabeça que eu ia fazer 18 anos e me tatuar muito, porque era uma coisa que eu sempre soube que nunca ia arrepender, porque era uma meta assim. Minha meta dos 18 anos, tem*

¹ Yara

Yara ia in love with love

She is the siren of the Amazon

However far-distant the love may be, Yara sings her song of seduction [...] the lover hears the song and listens, Yara. Woe to him should he listen twice! Then he is driven in search of her [...] Yara offers him a flower and the kiss of death. He disappears with her into the stream.

gente que quer dirigir né, eu queria me tatuar.”; em outro momento diz: “[...] eu aceitava meu corpo como ele era, faltava algo sabe, eu me sentia incompleta digamos assim [...]. Em relação ao exposto, é possível considerar que Iara utiliza-se da tatuagem como um meio de alcançar seu Eu ideal, pois existe a “sensação” de triunfo quando algo no Eu coincide com o ideal do Eu” (FREUD, 1921/2011, p. 74). No entanto, pode haver um distanciamento entre o Eu e seu Ideal, porém, o sujeito não suporta isso por muito tempo, levando-o a encontrar um meio de novamente alcançar uma conciliação entre ambos (FREUD, 1921/2011). Nesse caso, pode-se supor que a reconciliação seria por meio de uma nova tatuagem, considerando que Iara relata que: *“tenho 35 tatuagens [...] eu tenho no rosto, tenho no pescoço, tenho nos dois braços inteiros, tenho nas costas, tenho na nuca, tenho na bunda, tenho na coxa, tenho no pé, tenho no tornozelo, tenho na canela, tudo.”*

Além disso, ao relatar *“faltava algo sabe, eu me sentia incompleta”*, é possível relacionar com a questão fálica sobre ser incompleta, conforme postula André (1998, p. 172): *“se o falo tem uma relação íntima com o órgão masculino, é na medida em que se designa o pênis enquanto faltoso ou suscetível de vir a faltar”*. Portanto, o falo, enquanto faltoso, pode suscitar três questões, a fim de resolver e compensar essa falta: a maternidade, o amor (procura por parceiros que possuam pênis) e a falicização do próprio corpo (RECALDE, 2011). Diante do exposto, compreende-se que a questão fálica de Iara, sobre ser incompleta, pode ter relação com a falicização de seu corpo, utilizando então as tatuagens como uma forma de compensar essa falta. A partir disso, pode-se levantar como hipótese que a potência fálica de Iara seja advinda do seu corpo tatuado, convocando o olhar do outro, a fim de ser desejada.

Após compreender a relação do sujeito com o seu corpo/pele, é possível iniciar a discussão acerca do objetivo específico do processo de simbolização das marcas corporais. Iara relatou que realizou sua primeira tatuagem aos 14 anos e que sempre quis fazer tatuagem: *“[...] desde criança sempre amei muito, meus pais todos os dois tem várias tatuagens então eles deixaram [...]”*. Em outro momento, quando questionada sobre considerar-se tatuada, Iara relata que considera algo normal, pois seus pais também são tatuados: *“Eu sou, tipo assim, pra mim é uma coisa muito normal, por exemplo, meu pai e a minha mãe, os dois têm muita tatuagem [...]”*.

Diante disso, levanta-se como hipótese o fenômeno da identificação, sendo uma manifestação da ligação afetiva, algo que o sujeito realiza desde os primeiros anos de vida e, conseqüentemente, tem papel fundamental para a estruturação psíquica do mesmo. A identificação é a configuração da semelhança do Eu àquele que é visto como modelo, assim,

adotando algumas características do objeto, torna-se então um traço da pessoa-objeto (FREUD, 1921/2011).

Quando criança, sendo que neste caso falamos da menina, esse processo acontece quando a mesma se identifica com a mãe, e com o pai realiza o investimento objetal. Isso acontece quando o narcisismo primário é interrompido pelas imposições do meio e do Eu, então, o sujeito não é mais satisfeito em si mesmo e encontra satisfação no ideal do Eu, que é diferente dele mesmo (FREUD, 1921/2011).

Portanto, é possível compreender que possivelmente Iara se identifica com os pais, e em decorrência dessa identificação, estabelecida na infância, agora, na vida adulta, realiza suas tatuagens não vendo como algo incomum ou diferente do seu meio. Seu ideal de Eu possui tatuagens e, ao querer ser semelhante à pessoa-objeto, toma para si as marcas corporais, tornando-as também parte do próprio corpo.

Porém, ao ser questionada sobre o que busca expressar com as tatuagens, Iara responde: “[...] quando eu não tinha as minhas tatuagens eu me sentia muito igual a todo mundo e isso é uma coisa que eu nunca gostei, de parecer igual a todo mundo, eu sempre quis ser diferente e nem, não necessariamente para gostar ou deixar de gostar, mas por mim, eu queria ser diferente dos outros, entendeu, então foi assim essa forma de me expressar através das tatuagens que eu encontrei”. Diante disso, é possível levantar como hipótese que Iara busca se diferenciar das outras pessoas por meio da tatuagem, sendo que o indivíduo tem a opção de construir o seu corpo conforme o seu desejo, implicando em ser desejado. A partir disso as modificações intencionais do corpo, como as tatuagens, atuam como meio do desejo de ser integrado, visto, desejado, na diferenciação com aqueles que são neutralizados por padrões estéticos homogeneizantes (PIRES, 2003). No entanto, diante ao exposto supõe-se que Iara busca se diferenciar dos outros por meio da tatuagem, mas, ao mesmo tempo, se igualar aos pais, como meio de inserção/pertencimento e manifestação do seu lugar.

Perante o exposto, é importante trazer à discussão a diferenciação entre os sujeitos, a qual é algo além da genética, encontrada então nas sensações e representações próprias que são externas e próprias do indivíduo. Diante disso, entende-se que os traços mnêmicos deixam seus registros no corpo. A corporeidade é formada através da incorporação - registro e inclusão - das experiências do corpo, que geralmente são permeadas pela influência do outro (TEPERMAN, 2021). Com isso, percebemos que Iara busca se diferenciar dos outros por meio daquilo que realmente a torna um sujeito singular, portanto tatua a sua pele com lembranças e “*memória daquela época*”, incorporando os traços mnêmicos em seu corpo por

meio do traço da máquina do tatuador, marcando as memórias que ela não quer esquecer e que não podem ser apagadas.

Além disso, Iara, ao comentar novamente sobre sua primeira tatuagem diz: *“A minha primeira tatuagem [...] foi a única que eu fiz menor de idade, meu pai me levou e eu fiz porque eu queria, porque eu queria, desde criança sempre amei muito [...] então eles deixaram, não foi de primeira assim porque eu era bem nova né, mas eu insisti, insisti, insisti tanto que como eles já sabiam que eu gostava desde muito pequena, eles deixaram”*. Depois complementa com falas como: *“Eu sempre, sempre, quando eu era menor assim as pessoas passavam, muitos tatuados passaram, assim eu achava incrível porque elas se destacavam assim numa multidão, chama atenção, querendo ou não, então eu pensava, eu gosto disso [...] eu amo os desenhos da tatuagem”* e *“[...] meu pai e a minha mãe, os dois tem muita tatuagem, então eu sabia né o que tinha que fazer pra ficar tatuada [...]”*

Diante disso, é possível supor que Iara utiliza a tatuagem, em primeiro momento, como uma brincadeira, pois as brincadeiras são guiadas por desejos, em específico o desejo de ser grande e adulto(a). Assim, as crianças sempre imitam na brincadeira o que sabem da vida dos adultos (FREUD, 1908/2015). Nesse caso, supõe-se que ela via as tatuagens nos adultos, gostava disso, e desejou tê-las também. Assim, quando teve oportunidade fez da tatuagem uma brincadeira e começou a registrar em seu corpo essas tatuagens, como uma forma de satisfação de algo que ela realizava quando criança, buscando se identificar com as figuras de seus pais.

A atividade criativa aparece na infância através de brincadeiras. Ao brincar, a criança se comporta como um criador literário, pois organiza as coisas de seu mundo em uma nova ordem do seu agrado, construindo para si um mundo próprio. A criança gosta de se basear nas coisas palpáveis e visíveis, como os objetos e situações que imagina, sendo então o apoio na realidade, que diferencia o seu brincar do seu fantasiar. No entanto, o adulto para de brincar, abandona o apoio em objetos reais e troca o ganho de prazer que retirava da brincadeira, substituindo isso pelo fantasiar (FREUD, 1908/2015).

Porém, ao falar sobre os significados que atribui as suas tatuagens, diz: *“[...] me remete a uma época muito boa sabe, então cada tatuagem minha, por mais que o desenho em si pra mim não tenha tanto significado, me remete à época que eu fiz e que naquela época me lembra as memórias daquela época, como eram, quanto eu mudei desde então, todas acabam tendo um significado com o tempo, digamos assim, pra mim”*.

Assim, em um segundo momento, essas tatuagens podem estar ligadas às fantasias, pois, segundo Freud (1908/2015), a relação da fantasia com o tempo é significativa, pois as

fantasias se adaptam e se alteram a cada oscilação da vida, recebem “marcas do tempo”, e essas marcas pairam entre três tempos. O primeiro tempo é uma ocasião do presente que desperta uma lembrança de vivência anterior, geralmente infantil, na qual um desejo era realizado, criando então uma situação ligada ao futuro, a qual se mostra como realização daquele desejo, podendo despertar, por exemplo, o desejo de se realizar uma criação literária.

Vale ressaltar que uma recordação de infância do escritor está relacionada com a premissa de que tanto uma obra literária quanto a fantasia são substituições do que um dia foi brincadeira infantil (FREUD, 1908/2015). Relacionando ao que foi explanado, o ato de tatuar pode ser comparado com uma criação literária, na qual Iara pede para o tatuador colocar, em sua pele, imagens que em determinado momento a fazem recordar de vivências passadas.

Ainda sobre o significado das tatuagens, Iara fala: “[...] *O resto não tem um significado tipo ai específico [...]*”. Isso pode ser abordado também com base no texto de Freud “O poeta e o fantasiar (1908)”, o qual questiona a singular personalidade do escritor, de onde ele retira seu fazer poético, aquilo que faz provocar nos outros emoções, e como seria interessante encontrar em nós ou nas pessoas uma atividade que fosse parecida com a de uma criação literária. Criação essa que quando é questionada pelos telespectadores não se obtém uma resposta satisfatória sobre sua escolha de material ou sua natureza de arte poética (FREUD, 1908/2015).

Iara, ao falar sobre sua percepção em relação à tatuagem, diz: “[...] *tatuagem é uma arte, é uma forma de expressão, é uma arte que está no nosso corpo, sabe. Então a gente acaba virando arte da forma que a gente quer se expressar*” e “[...] *é uma história pra você contar pra toda vida, pra você admirar, pra você lembrar daquele momento, daquele significado que vai fazer parte da sua história pra sempre [...]*”, ou seja, em cada indivíduo se esconde um poeta único (FREUD, 1908/2015). Assim, as tatuagens, além de poderem ser relacionadas com uma criação literária, podem também ter essa característica de gerar emoções na pessoa que as possui e nas pessoas que as veem, questionando seus significados e porquês.

As análises realizadas até então perpassam a relação do sujeito com seu corpo/pele e também a simbolização acerca das tatuagens. Além disso, é necessário explanar a respeito da erótica da dor/prazer no ato de tatuar-se. Com isso, ao ser questionada sobre o que sente no momento da realização da tatuagem, Iara responde: “*Isso pode parecer meio estranho, mas eu amo a dor da tatuagem. Amo, amo, amo mesmo*”, e depois explica: “[...] *eu tava muito ansiosa, muito nervosa antes da tatuagem, mas eu sabia que, que tipo, quando eu começasse a me tatuar é como se fosse uma terapia assim, dói, dói muito, mas é uma dor boa, é uma dor*

que no final vai valer a pena. E o pescoço é um local que é pra ser muito dolorido, mas eu tava tão assim, que eu precisava descarregar. Então, foi uma forma realmente de descarrego[...]”. O presente fragmento do discurso de Iara vai ao encontro do objetivo específico associado à erótica relacionada ao prazer/dor ao ser tatuado. Essa relação de prazer e dor acontece ao tatuar, momento no qual se rasga a pele, e nela se insere tinta, a fim de criar um desenho, formando então uma cicatriz que coça, descasca e não sai. E para retirá-la, tem-se que passar pela dor novamente, por meio da remoção a laser, que queima a pele. Diante disso, é relevante abordar o limite do corpo e como a pele é erotizada.

Freud, no texto “Eu e o Id” (1923), coloca que o corpo, principalmente sua superfície (pele), é um lugar do qual podem partir percepções internas e externas simultaneamente. Além disso, diz que o Eu é sobretudo corporal, pois deriva das sensações corporais, principalmente daquelas provenientes da superfície do corpo. Assim, o Eu pode ser visto como uma projeção mental dessa superfície que, ao ser tocada, produz sensações, e uma delas pode equivaler a uma percepção interna, sendo que a dor parece ter nisso um papel, pois é a partir de uma doença dolorosa que tomamos conhecimento de nossos órgãos e, conseqüentemente, chegamos a uma ideia de nosso corpo (FREUD, 1923/2011). Portanto, pode ser a partir da dor da tatuagem que o sujeito pode conseguir ter uma ideia do próprio corpo e se apropriar dele.

Corroborando com isso, Anzieu (1989) aborda o Eu-Pele, conceito criado por ele, que diz respeito ao Eu em seu estado originário e suas experiências corporais, sobre a qual o Eu se apoia para constituir-se. O teórico considera que a pele é permeável e impermeável, superficial e profunda, que ela atrai investimentos libidinais tanto narcísicos como sexuais. Ademais, é um lugar de sedução e nos oferece a mesma quantidade de dor e de prazer. É por meio da pele que o bebê faz da mãe o objeto de investimento libidinal, pois sua alimentação e cuidados são feitos do contato pele a pele, contato com a pele das mãos e dos seios, que geralmente são agradáveis e situam os prazeres na pele como o autoerotismo e os outros prazeres sexuais. Soma-se a isso o fato do Eu-Pele sustentar a excitação sexual, sendo pelas zonas erógenas que a diferença entre os sexos pode ser reconhecida e sua completude desejada (ANZIEU, 1989).

Além disso, como a relação da mãe e da criança tem uma superfície comum, a pele, levando em consideração que mãe e filho se encaminham para um funcionamento separado, essa fase requer o reconhecimento de que cada um tem sua própria pele, seu Eu. E essa separação é representada pelo arrancar dessa pele comum, sendo que isso não acontece sem

resistência nem dor (ANZIEU, 1989). Assim, é nessa relação de mãe e bebê que se estabelece a erotização da pele e o reconhecimento do próprio corpo. No entanto:

“A fantasia (necessária à evolução em direção à autonomia psíquica) de ter uma pele própria fica profundamente culpabilizada pela fantasia prévia que, para tê-la, é preciso tomá-la de outro e que é melhor ainda deixar que ela seja tomada pelo outro para lhe dar prazer, alcançando ele mesmo finalmente o prazer” (ANZIEU, 1989, p. 141).

Nesse ponto, levando em consideração o exposto acima, a pessoa que vai fazer a tatuagem no outro assume um papel importante. Iara fala sobre seu tatuador da seguinte forma: “[...] *ele é muito bom e vai lá e faz e fica ótimo, e eu super confio nele*”. Diante disso, é possível analisar que o sujeito, ao ser tatuado, se coloca em uma posição de submissão, de ter que ficar quieto/imóvel e confiar no que o tatuador vai fazer/produzir. Interessante pensar na palavra “tatuador”, aquele que tatua a dor, ou seja, o tatuador é escolhido como um intérprete, aquele que vai ter a capacidade de gravar na pele o desejo do cliente, aquilo que ele supõe que o olhar dos outros quer ver ou vê nele (CORSO e CORSO, 2014).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do estudo realizado a partir desta pesquisa, foi possível analisar sujeitos tatuados e as significações atribuídas por eles às suas próprias tatuagens. Para tanto, foram realizadas as análises dos discursos das entrevistadas Flora e Iara, com o intuito de alcançar os objetivos gerais e específicos da pesquisa. Porém, é importante destacar que esses objetivos foram alcançados parcialmente, pois o discurso é singular e único, assim, nunca dará conta de dizer tudo e sempre há a possibilidade de realizar mais e novas interpretações.

Até o momento, são escassos os estudos acerca de tatuagens na área da Psicologia e Psicanálise. Diante disso, entende-se a importância de pesquisar e aprofundar esse assunto, para assim, contribuir com a ciência e propiciar um entendimento maior sobre os sujeitos que apreciam ou possuem tatuagens. Pois, ao tentar entender a gênese da história e as significações do sujeito, pode-se compreender como o sujeito percebe suas modificações corporais e o que isso expressa e impacta sobre ele.

Nesse viés, por meio dos objetivos específicos da pesquisa, buscou-se compreender a relação que as participantes têm com seu corpo/pele, e se a tatuagem é utilizada como um destino sublimatório. Além disso, compreender o processo de simbolização da marca corporal ao escutar sobre a relação que as participantes possuem com o próprio corpo, e, a partir disso, analisar a atribuição de significado de suas tatuagens, levantando hipóteses e sugestões acerca

do significado de suas marcas corporais. Por fim, procurou-se analisar a erótica acerca da dor/prazer ao realizar a tatuagem.

Quanto à relação que o sujeito tem com seu corpo/pele, de acordo com a análise, as tatuagens podem servir como uma forma de aumentar a autoestima, assim como o corpo tatuado pode ter ligação com a expressão da personalidade, representando uma forma de liberdade sobre o próprio corpo e construção de uma identidade singular, que pode ter relação com um ideal de Eu, para então se sentir um sujeito visto pelo outro.

Já em relação ao processo de simbolização, observou-se que a tatuagem pode ser simbolizada como uma forma de representação do feminino, como registro de traços mnêmicos, ou até mesmo não apresentar um significado, sendo que o motivo de escolha dos desenhos pode ser influenciado pelos interesses pessoais e estilos de vida do sujeito. Quanto ao objetivo referente ao prazer/dor, foi possível associar, diante do discurso, que a dor no momento da realização da tatuagem pode ser representada como uma forma de descarga de emoções.

Ademais, constata-se na clínica psicanalítica um aumento considerável de demanda que perpassa pelas questões corporais, pois o corpo atualmente é hiper investido, sendo este, fonte de frustração, insatisfação, assim como meio de satisfação pulsional, de expressão de dor e de sofrimento. A psicanálise, com sua arte de escuta do sofrimento humano, identifica novas formas de apresentação desse sofrimento, que parece muitas vezes encontrar dificuldade para se manifestar em termos psíquicos. Então, que corpo é esse que se mostra, frequentemente, e que pode ser acolhido pelo psicanalista em sua escuta? (FERNANDES, 2003).

Portanto, diante do que foi exposto até o momento, considera-se fundamental dar sequência ao tema, pois, no decorrer da análise e construção da pesquisa, foi possível observar o quanto a presente temática poderia ser explorada ainda mais para o aprofundamento a respeito das formas de utilização da tatuagem, a fim de propor uma maior compreensão dos possíveis significados desta e propiciar um olhar mais humanizado para aqueles que ainda sofrem algum tipo de estigma em decorrência de suas marcas corporais.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, S. **O que quer uma mulher?**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

ANZIEU, D. **O Eu-pele**. 2. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1989.

CAREGNATO, R. C. A.; MUTTI, R. Pesquisa qualitativa: análise de discurso versus análise de conteúdo. **Texto Contexto Enferm.**, Florianópolis, v. 15, n. 4, p. 679-684, dez. 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tce/a/9VBbHT3qxByvFCtbZDZHgNP/?lang=pt>. Acesso em: 10 de mai. de 2021.

CORSO, D. L.; CORSO, M. Corpos ilustrados e enfeitados: tatuagens e marcas corporais. **Revista Brasileira de Psicoterapia**, Porto Alegre, v. 16, n. 1, p. 138-150, 2014. Disponível em: http://rbp.celg.org.br/detalhe_artigo.asp?id=148. Acesso em: 11 de mar. de 2021.

COSTA, A. **Tatuagem e Marcas Corporais**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

CHECOLI, V. **Liberdade: o que te prende?**. Revista Cult, 8 de out. de 2020. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/liberdade-o-que-te-prende/>. Acesso em: 27 de out. de 2021.

CHITAS, I. **O jardim das delícias terrenas**. Vogue Portugal, 8 de mar. de 2019. Disponível em: <https://www.vogue.pt/palavra-vagina>. Acesso em: 15 de out. de 2021.

DALIA. **Who has the most tattoos? It's not who you'd expect**. Dalia Research, 17 de mai. de 2018. Disponível em: <https://medium.com/daliaresearch/who-has-the-most-tattoos-its-not-who-you-d-expect-1d5ffff660f8>. Acesso em: 24 de mai. de 2021.

DANTAS, T. **O simbolismo da Rosa**. Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/mitologia/o-simbolismo-rosa.htm>. Acesso em: 27 de out. de 2021.

ELIA, L. **O conceito de sujeito**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.

FERNANDES, M. H.; **Corpo**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

FREUD, S. A feminilidade (1933). In: FREUD, S. **Amor, sexualidade, feminilidade**. Obras Incompletas de Sigmund Freud. Tradução de Maria Rita Salzano Moraes. 1. ed; [2 reimp]. Belo Horizonte: Autêntica, 2019. p. 313-348.

FREUD, S. **As Pulsões e seus destinos (1915)**. Obras Incompletas de Sigmund Freud. Tradução de Pedro Heliodoro Tavares. 1. ed; 4 [reimp]. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

_____. **Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos [1914-1916]**. Obras Completas Vol. 12. Tradução e notas de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. Negação (1925). In: FREUD, S. **Neurose, psicose e perversão**. Obras Incompletas de Sigmund Freud. Tradução de Maria Rita Salzano Moraes. 1. ed; [4 reimpr]. Belo Horizonte: Autêntica, 2019. p. 305-314.

_____. **O Eu e o Id, "autobiografia" e outros textos** [1923-1925]. Obras Completas Vol. 16. Tradução e notas de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. O mal-estar na cultura (1930). In: FREUD, S. **O mal-estar na cultura e outros escritos de cultura, sociedade e religião**. Obras Incompletas de Sigmund Freud. Tradução de Maria Rita Salzano Moraes. 1. ed; [1 reimpr]. Belo Horizonte: Autêntica, 2020. p. 305-410.

_____. O poeta e o fantasiar (1908). In: FREUD, S. **O delírio e os sonhos na Gradiva, Análise da fobia de um garoto de cinco anos e outros textos** [1906-1909] Obras completas Vol. 8. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. p. 325-338.

_____. O problema econômico do masoquismo (1924). In: FREUD, S. **Neurose, psicose e perversão**. Obras Incompletas de Sigmund Freud. Tradução de Maria Rita Salzano Moraes. 1. ed; [4 reimpr]. Belo Horizonte: Autêntica, 2019. p. 287-304.

_____. **Psicologia das massas e análise do Eu e outros textos** [1920-1923]. Obras Completas Vol. 15. Tradução e notas de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. Sobre o narcisismo: uma introdução (1914). In: FREUD, S. **A História do Movimento Psicanalítico, Artigos Sobre a Metapsicologia e Outros Trabalhos** [1914-1916]. Obras completas de Sigmund Freud (vol. XIV). Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. **Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade, Análise Fragmentária de um Histeria ("O Caso Dora") e outros textos** [1901-1905]. Obras Completas Vol. 6. Tradução e notas de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GHIZONI, T. S. **Do Porto à Pele: a história da tatuagem profissional no Brasil**. Repositório Institucional, UFSC, nov. 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/190301>. Acesso em: 28 de out. 2021.

JORGE, M. A. C. **Fundamentos da Psicanálise de Freud a Lacan**: Vol. 1: As Bases Conceituais. 5. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

KAUARK, F.; MANHÃES, F. C.; MEDEIROS, C. H. **Metodologia da Pesquisa: Um Guia Prático**. Itabuna: Via Litterarum, 2010.

LACAN, J. **O seminário: Livro 1: os escritos técnicos de Freud** [1953-1954]. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.

LACAN, J. **A identificação: Seminário 1961-1962**. Recife: Centro de Estudos Freudianos do Recife, 2003.

_____. **Seminário 13: El objeto del psicoanálisis** [1965-1966]. Inédito. Disponível em: <https://www.bibliopsi.org/docs/lacan/16%20Seminario%2013.pdf>. Acesso em: 23 de out. de 2021.

_____. **O seminário: Livro 20: mais, ainda** [1972-1973]. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

LEITÃO, D. K. Mudança de significado da tatuagem contemporânea. **Cadernos IHU Ideias**, São Leopoldo, v. 2, n. 16, 2004. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/images/stories/cadernos/ideias/016cadernosihuideias.pdf>. Acesso em: 23 de abr. de 2021.

MACEDO, S., PARAVIDINI, J. L. L.; PRÓCHNO, C. C. S. C. Corpo e marca: tatuagem como forma de subjetivação. **Revista Subjetividades**, Fortaleza, v. 14, n. 1, p. 157-166, abr. 2014. Disponível em: <https://periodicos.unifor.br/rmes/article/view/3312>. Acesso em: 25 de abr. de 2021

MACHADO, Z. O inconsciente e o corpo. **Stylus: Revista de Psicanálise**. Rio de Janeiro, 2010, n. 20, p. 107-113, abr. 2010.

MARTINS, M. **Amazônia**. Nova Iorque: Valentine Gallery, 1943. Disponível em: <https://icaa.mfah.org/s/en/item/1110396#c=&m=&s=&cv=1&xwh=-241%2C0%2C3930%2C2199>. Acesso em: 27 de out de 2021.

MARQUES, T. **O Brasil tatuado e outros mundos**. Rio de Janeiro: ROCCO, 1997.

MENDONÇA, C. **Lenda da Iara**. Educa Mais Brasil, 16 de abr. de 2019. Disponível em: <https://www.educamaisbrasil.com.br/enem/artes/lenda-da-iara>. Acesso em: 28 de out. de 2021.

MOREIRA, J. O.; TEIXEIRA, L. C.; NICOLAU, R. F. Inscrições corporais: tatuagens, piercings e escarificações à luz da psicanálise. **Rev. latinoam. psicopatol. fundam.**, São Paulo, v. 13, n. 4, p. 585-598, dez. 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-47142010000400004&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 15 de mar. de 2021.

NAUDÉ, L.; JORDAAN, J.; BERGH, L. “My Body is My Journal, and My Tattoos are My Story”: South African Psychology Students’ Reflections on Tattoo Practices. **Current**

Psychology. Nova Iorque, v. 38, p. 177-186, abr. 2017. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007%2Fs12144-017-9603-y>. Acesso em: 24 de mai. de 2021.

ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. 5. ed. Campinas: Pontes, 2005.

RECALDE, M. *El Edipo femenino: un interrogante freudiano*. In: MILLER, J.-A. *et al. del Edipo a la Sexuación*. Buenos Aires: Páidos, 2011. p. 103-115.

RIBEIRO, M. M. C. As marcas corporais: o corpo como depositário das fantasias inconscientes. **Reverso**, Belo Horizonte, v. 32, n. 60, p. 61-65, set. 2010. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-73952010000300009&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 25 de abr. de 2021.

PIRES, B. F. **O corpo como suporte da arte: piercing, implante, escarificação, tatuagem**. São Paulo: Editora Senac, 2003.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas de pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

SAPOZNIK, A. **Marcas corporais e música eletrônica: manifestações de uma subjetividade errante?** [S.l.: s.n.:201?]. Disponível em: http://www.psicopatologiafundamental.org.br/uploads/files/iii_congresso/mesas_redondas/marcas_corporais_e_musica_eletronica.pdf. Acesso em: 27 de abr. de 2021.

TEPERMAN, D. (Org.). **Corpo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

VASCONCELOS, Y. Se as células da pele se renovam, por que a tatuagem não sai? A pele tem mais de uma camada e nem todas se renovam. **Superinteressante**, 04 de jul. de 2018. Disponível em: <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/se-as-celulas-da-pele-se-renovam-por-que-a-tatuagem-nao-sai-com-o-tempo>. Acesso em: 20 de mai. de 2021.

VIES, J. A pulsão invocante e os destinos da voz. **Psicanálise & Barroco em Revista**. Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, p. 186-202, jul. 2009. Disponível em: <http://www.seer.unirio.br/psicanalise-barroco/article/view/8812/7507>. Acesso em: 23 de out. de 2021.